



VIII

ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA
DO SUDOESTE PENINSULAR

ENCUENTRO DE ARQUEOLOGÍA
DEL SUROESTE PENINSULAR

Serpa//Aroche
24, 25 e 26 de outubro de 2014



FICHA TÉCNICA

ATAS DO VIII ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR
Serpa-Aroche, 24, 25 e 26 de outubro de 2014

Edição: Câmara Municipal de Serpa

Coordenação Editorial: Samuel Melro - Susana Correia |DRCALEN|

Fotografias Encontro: Câmara Municipal de Serpa-Gabinete de Informação,
Comunicação e Imagem

Fotografias Palavras Prévias: José Baguinho - Susana Correia

Design e produção gráfica: 100 Luz / Weblime

Depósito Legal: 444410/18

ISBN: 978-989-8187-19-2

Tiragem: 1000 exemplares

1ª Edição | Serpa, 2018

A opção pela escrita seguindo ou não as regras do novo acordo ortográfico, nos artigos em português, é da responsabilidade dos seus autores.

ÍDOLOS E IDOLIFORMES CERÂMICOS DOS POVOADOS DO 4º/3º MILÉNIO A.N.E. DE S. PEDRO (REDONDO) contributo para o estudo de uma ritualidade fugidia ...

*Archaeologists probably disagree about
Symbols more than anything else they dig up
Robb, J., 1998*

Catarina Costeira

Bolseira de doutoramento financiada pela FCT – SFRH/BD/76693/2011, integrada na Uniarq. catarinacosteira@gmail.com

Rui Mataloto

Arqueólogo Município de Redondo, rmataloto@gmail.com

Resumo

Os objectos rituais e simbólicos são, quase por definição, uma entidade bastante fugidia, na qual se acaba por enquadrar, por defeito ou por excesso, a maioria dos “OCNI’s” (objectos cerâmicos não identificados). De facto, a ausência de conhecimento da liturgia e do panteão do 3º milénio a.n.e., bem como a falta de contextos significantes de utilização dos objectos rituais e simbólicos impõe-nos a pura especulação.

Pretende-se com este trabalho apresentar um conjunto de objectos cerâmicos por nós enquadrados dentro das realidades simbólico-rituais (ídolos), ainda que estejamos conscientes da dificuldade de integração de muitos deles nestas categorias.

Efectuamos uma primeira categorização tipológica dos “ídolos” e uma leitura diacrónico-espacial no contexto dos diversos povoados do São Pedro. Por fim, reflectimos sobre as geografias do simbólico no Sudoeste Peninsular.

Abstract

The rituals and symbolic objects are, almost by definition, a very elusive entity, which is integrated, by default or by excess, the majority of unidentified ceramic objects.

In this paper we intend to present a set of ceramic objects for us integrated into the symbolic and ritual realities (idols), although we are aware of the difficulty of integrating a lot of them in these categories.

We carry out a first typological categorization of “idols” and a diachronic-spatial reading in the context of the different phases of São Pedro archaeological site. Finally, we present some reflections on the symbolic geographies in Southwest of the Iberian Peninsula.

O sítio de São Pedro – localização e Intervenções Arqueológicas

O sítio de S. Pedro localiza-se no Alentejo Central, distrito de Évora, freguesia e concelho de Redondo, num cerro destacado de vertentes íngremes e topo aplanado, com afloramentos rochosos de xisto, que se elevava na margem Nascente da planície central de Redondo, adjacente à aba Sul da Serra d'Ossa.

A ocupação calcolítica do cabeço de São Pedro foi referida pela primeira vez por Manuel Calado, que lhe atribui um importante papel no estudo do povoamento do 4º / 3º milénio a.n.e. na região da Serra d'Ossa (Calado, 1995, 2001).

Entre 2004 e 2009, coordenado por um de nós (RM), desenrolou-se um extenso programa de escavação prévio à construção da circular externa de Redondo, que exigia a destruição de grande parte do sítio arqueológico. Esta intervenção decorreu em quatro campanhas, resultando na escavação integral de uma área em torno 2000 m², que corresponderá a cerca de 2/3 da área ocupada, o que permitiu recuperar uma grande quantidade de informação estratigráfica e arquitectónica do sítio. A área



Figura 1: Localização do sítio de São Pedro na Península Ibérica

de escavação foi ordenada em seis sectores, de A a F, para orientar a abordagem no terreno, simplificar a organização da informação e permitir a rápida localização das estruturas e materiais. Estes sectores não têm significado funcional, nem leituras estratigráficas específicas.

Ao longo dos últimos 10 anos, o sítio arqueológico de São Pedro tem sido alvo de diversos estudos, sendo longa a lista de artigos publicados, sobre a sequência de ocupação do sítio, baseados essencialmente nos resultados das primeiras campanhas de escavação (Mataloto, *et al.*, 2007; 2009; Mataloto, 2010, Mataloto e Gauss, no prelo), contextos específicos (Mataloto *et al.*, 2015), estudos de faunas (Davis e Mataloto, 2012) e artefactuais (Costeira, 2010, 2012; Costeira e Mataloto, 2013; Costeira, *et al.*, 2013; Nukushina, *et al.*, no prelo), alguns dos quais integrados num projecto de doutoramento em desenvolvimento por um de nós (CC).



Figura 2: Vista geral do sítio de São Pedro

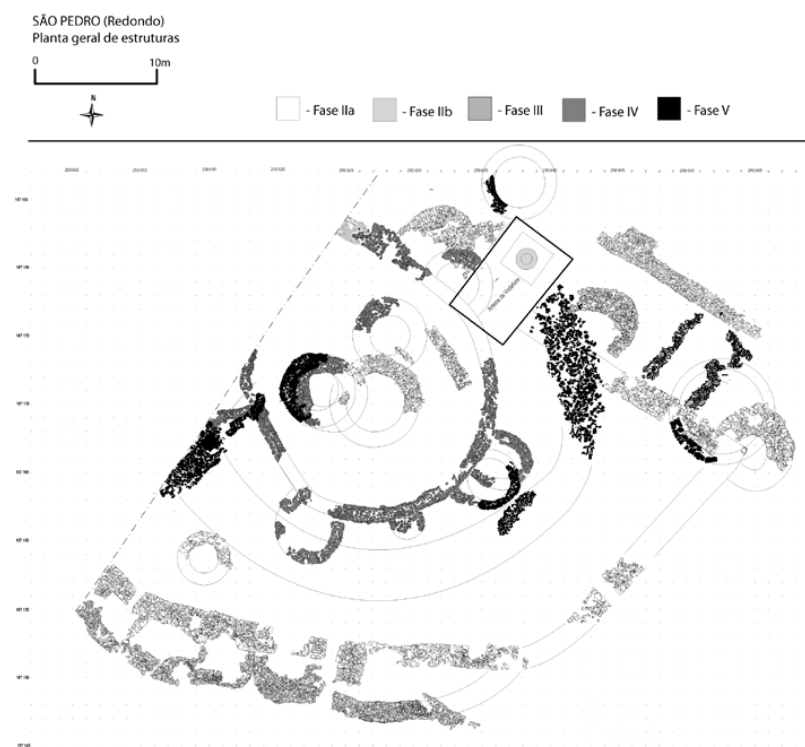


Figura 3: Planta geral do povoado com indicação das 5 fases de ocupação propostas

Os povoados de São Pedro

Os trabalhos de escavação permitiram recuperar os vestígios estruturais e artefactuais de longas, dinâmicas e diversificadas ocupações pré-históricas, que se terão desenrolado entre o final do 4º milénio e grande parte do 3º milénio a.n.e. no topo do cabeço de São Pedro. De facto, não interpretamos este sítio como um povoado único, com uma história linear de fundação, expansão, declínio e abandono, mas como uma multiplicidade de povoados com dimensões, arquitecturas e tempos diferentes. Duas destas ocupações caracterizam-se pela construção e utilização de estruturas de fortificação distintas, que marcam a análise da história do sítio. O faseamento proposto decorre, essencialmente, dos actos de construção, reconstrução e abandono das grandes estruturas de fortificação.

A uma ocupação inicial, aparentemente aberta, caracterizada por estruturas essencialmente em materiais perecíveis e enquadrada entre os finais do 4º e inícios do 3º milénio a.n.e. (Fase I), sucede-se a primeira grande fase construtiva, com a edificação de uma estrutura de muralha, de planta poligonal, dotada de vários elementos proeminentes: bastiões maciços e outros ocos, de menores dimensões, pelo exterior (Fase II). No lado Norte, paralela à muralha, identificou-se uma estrutura pétrea rectilínea, que poderá ter funcionado como estrutura de fortificação secundária, a modo de barbacã, com o objectivo de reforçar a área de maior declive do cabeço de S. Pedro. No lado Este, apesar do mau estado de conservação da muralha, identificou-se uma porta simples e estreita, que poderá ser a única entrada do povoado (Costeira e Mataloto, 2013). Posteriormente, a face Sul da muralha sofreu uma forte remodelação, com a substituição de alguns dos seus troços e das torres ocas, por outras maciças de menores dimensões. As novas construções sobrepõem-se aos derrubes pétreos resultantes do desmantelamento das estruturas anteriores, como se pode observar na planta da figura 3. Estas transformações não alteram significativamente a morfologia da fortificação nem a dimensão do povoado, podendo por isso relacionar-se mais com a necessidade de manutenção das estruturas do que com alterações na estratégia defensiva.

Na área central, nesta fase, registou-se a presença de duas grandes estruturas circulares, a modo de torres, desenvolvendo-se na sua envolvente uma ocupação essencialmente em materiais perecíveis.

Provavelmente nos inícios do segundo quartel do 3º milénio a.n.e, após o abandono e desmantelamento de grande parte das estruturas anteriores, desenrola-se uma ocupação aparentemente esparsa (Fase III). Com os dados actuais, não é possível determinar se esta fase se desenvolve em continuidade com a anterior, ou se resulta da reocupação do cabeço após o seu abandono temporário.

A fase IV caracteriza-se pela construção de uma estrutura de fortificação de planta subcircular, limitando um espaço de cerca de 300 m², na área central do topo da elevação. Pelo exterior, a muralha apresenta um conjunto de torres ocas, que se sucederam ao longo do tempo de utilização da estrutura, sem que as suas modificações tenham alterado significativamente a planta global. No interior localizaram-se duas grandes estruturas de planta circular, de paredes espessas e cerca de 6m de diâmetro máximo, podendo ser consideradas torres, em cujo interior se desenvolveram actividades de cariz habitacional.

A presença destas estruturas restringia amplamente o espaço interior, desenvolvendo-se, por isso, a área habitacional e de actividade principalmente no exterior da fortificação, atendendo ao elevado número de vestígios de construções em materiais perecíveis aí documentado.

Após o abandono destas estruturas, em particular da fortificação, desenrola-se uma nova fase aberta, sem qualquer estrutura conhecida de delimitação (Fase V). Este momento caracteriza-se pela presença de um conjunto de cabanas, de embasamento em pedra, dispersas por toda a área intervencionada. Uma destas estruturas destaca-se das restantes pela sua robustez e dimensões e por se localizar numa área central, sobrepondo-se aos derrubes das torres centrais dos anteriores povoados fortificados, o que lhe parece conferir algum destaque na estruturação do espaço (Mataloto, *et al*, 2015). O fim desta ocupação é marcado pela construção de uma estrutura pétreia, de morfologia circular, que parece circundar as ruínas da antiga fortificação. A edificação desta estrutura poderá ter um significado simbólico, de selar e / ou evidenciar um espaço que deixou de ser habitado (Mataloto, 2010), relacionando-se com estratégias de reforço da Identidade grupal nos finais do 3º milénio a.n.e.

A forte dinâmica de construção, utilização e desactivação das estruturas domésticas e de fortificação do cabeço de São Pedro condiciona todo o processo de formação da realidade estratigráfica, impondo a raridade dos contextos primários de rejeição e a dificuldade na identificação de deposições intencionais de materiais. Este dinamismo condicionou bastante o estado de conservação do conjunto dos ídolos e idoliiformes, que submetido a intensas remobilizações, se apresenta largamente fragmentado, parcelar e disperso.

Os “ídolos” – Notas Prévias

O termo “ídolo” é, em si, desde logo ambíguo, correspondendo a sua origem no grego simplesmente a “imagem”, conhecendo actualmente a sua acepção religiosa apenas como imagem à qual se presta culto, enquanto representação da divindade. Deste modo, pode utilizar-se para designar um conjunto variado de representações elaboradas em matérias-primas diversificadas (argila, osso e diferentes tipos de líticos), que apresentam características morfológicas e decorativas, a maioria das quais muito esquemáticas, passíveis de ser atribuídas a figurações simbólicas de divindades.

Julgamos conveniente assinalar aqui um aspecto fundamental das sociedades agrafas, como as que aqui tratamos, estas são essencialmente metonímicas, como nos refere Olson (1996, p. 33), nas quais a parte, ou a representação do ser é parte do mesmo, e não apenas a sua representação, ou metáfora, como acontece nas sociedades com escrita. Na realidade, mesmo nessas, como nas comunidades católicas, nas celebrações eucarísticas se reproduz um dos símbolos cimeiros das expressões metonímicas religiosas quando se diz, como Jesus tomando o pão “Tomai, todos, e comei: isto é o meu Corpo que será entregue por vós” (Mateus, 26: 26).

Estado de Conservação dos Ídolos

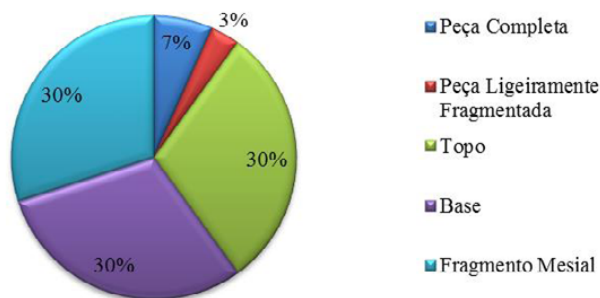


Figura 4: Representação do estado de conservação dos “ídolos” provenientes dos povoados de São Pedro

Tipos de Ídolos

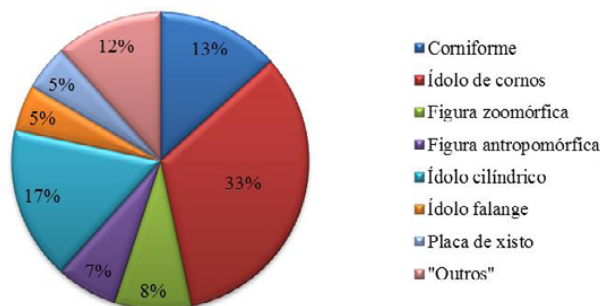


Figura 5: Representação dos tipos de ídolos identificados nos povoados de São Pedro

Os ídolos ou as representações simbólicas apresentam com frequência traços normalmente antropomórficos, zoomórficos, híbridos ou completamente abstractos ao nosso entendimento. De facto, há um conjunto de formas e decorações que se repetem noutros tipos de manifestações, como a decoração de recipientes cerâmicos e mesmo na arte parietal, todavia, consideramos que o conceito de “ídolo” tende a ser utilizado de forma algo excessiva, remetendo para todo o tipo de artefactos que, pelo seu estado de fragmentação ou morfologia *sui generis*, não se enquadra facilmente nas nossas categorias morfo-funcionais. Temos consciência de que este termo faz parte da tradição vocabular da arqueologia ibérica, e por isso será muito difícil contorná-lo, no entanto, consideramos, como outros autores (Escoriza, 1991-92, p. 135-136; Pajuelo e Aldana, 2001, p.232-234; Hurtado, 2010, p.139, Valera e Evangelista, 2014, p. 286-287), que seria importante substituí-lo por termos menos comprometidos que permitissem outro tipo de abordagens. Esta postura não significa que recusemos a presença de manifestações e representações religiosas nas comunidades neolíticas / calcolíticas. Apesar das fragilidades inerentes à ambiguidade do termo e à dificuldade de assumirmos uma qualquer representação pré-histórica das divindades, continuaremos a utilizar o termo “ídolo”, por reconhecermos que este se encontra fortemente arraigado na comunidade arqueológica ibérica, e cremos ser inconsequente avançar com qualquer outra designação que não seja fundamentada numa reflexão alargada. De facto, consideramos que o conjunto em estudo resulta de uma agregação múltipla de objectos, que tanto podem ser verdadeiras representações de divindades, isto é “ídolos” propriamente ditos, como amuletos ou, mesmo, brinquedos entre outras possibilidades ainda imperceptíveis para o nosso quadro conceptual de análise.

Os “ídolos” dos povoados de São Pedro

No sítio de São Pedro, o conjunto de artefactos passível de ser integrado no que tradicionalmente se designa por “ídolos” é composto por cinquenta e cinco elementos em cerâmica, dois em osso e três em pedra (xisto), a maioria dos quais muito fragmentados (ver gráfico da figura 4), uma vez que apenas quatro são integralmente reconstituíveis, o que dificulta a sua análise morfológica e interpretativa.

Na análise tipológica destes materiais seguimos alguns dos critérios utilizados por Victor Hurtado (Hurtado, 1979-1980; Hurtado, 2010), Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989), João L. Cardoso (Cardoso, 2009), António Valera (Valera, 2012, Valera, 2013, Valera e Evangelista, 2014, Valera, *et al*, 2014) e Filipa Rodrigues (Rodrigues, 2013), para termos a possibilidade de comparar o nosso conjunto com os de outros sítios arqueológicos. Apesar da diversidade e do estado de fragmentação dos elementos do nosso conjunto, conseguimos identificar oito tipos de “ídolos”, representados no gráfico da figura 5.

É importante salientar que as designações que utilizamos nas diferentes categorias não seguem os mesmos critérios

classificatórios, uma vez que algumas remetem para o tipo de matéria-prima (ídolo falange), outras para a morfologia genérica (ídolo placa, ídolo cilíndrico) e outras para a figura ou ideia representada (figura zoomórfica, figura antropomórfica, ídolo de cornos, corniforme). Esta diversidade de critérios explica-se pela tentativa de manter os termos mais comuns na bibliografia arqueológica, por forma a facilitarmos o seu enquadramento semântico dentro das categorias, evitando criar mais ruído. Por outro lado, com morfologias tão diversas e esquemáticas, difíceis de uma interpretação consensual, torna-se problemático organizar todas as peças partindo de um quadro analítico. No entanto, como forma de ultrapassar esta diversidade de critérios de análise, procuraremos criar grupos temáticos com alguma homogeneidade, começando por apresentar as peças que remetem para figuras / características zoomórficas, seguidas das que representam elementos antropomórficos e por último o conjunto das “outras peças”. Não consideramos esta proposta uma realidade fechada, uma vez que não excluimos a possibilidade de no futuro associarmos alguns destes objectos a outros significados e / ou funcionalidades.

“Ídolos de cornos”? E corniformes

Identificámos vinte elementos integráveis na categoria tradicionalmente designada por “ídolos de cornos”, sendo o grupo mais representado no conjunto, com 33% do total. Estas peças encontram-se muito fragmentadas, registando-se quinze fragmentos de base, três fragmentos mesiais e apenas duas peças inteiras. Apesar da dificuldade na reconstituição morfológica da maioria dos exemplares, é possível afirmar, a partir das características analisadas, que estas peças apresentam morfologias cónicas, bases tendencialmente aplanadas, topos arredondados e uma perfuração central, cujo diâmetro varia entre os 1,3 e os 2,0 cm. Em termos quantitativos e morfológicos, este conjunto apresenta grandes semelhanças com o recuperado no povoado de Castillejos, Badajoz (Cerrillo Cuenca, 2006; Cerrillo Cuenca, *et al.*, 2010, p.441) e com os fragmentos identificados nos Perdigões (Lago, *et al.* 1998, Valera, 2010, p. 24).

No que se refere à análise tecnológica, os ídolos de cornos do São Pedro apresentam pastas homogéneas, maioritariamente compactas, com frequentes componentes não plásticos de calibre diverso e superfícies tendencialmente alisadas, registando-se apenas 8 elementos com superfícies rugosas. As cozeduras são tendencialmente oxidantes, não se registando marcas de fogo em nenhum dos exemplares analisados. Nos fragmentos [2247] 20 e [2315] 32 identificou-se a presença de traços incisos, localizados próximo da perfuração, não sendo possível reconstituir o motivo decorativo que compunha, mas eventualmente afim das usualmente designadas “tatuagens faciais”. Estas decorações, algo irregulares, assemelham-se bastante às registadas em Castillejos (Cerrillo Cuenca, *et al.* 2010, fig.6, p. 441), e igualmente aos motivos decorativos identificados nos exemplares inteiros de Vila Nova de S. Pedro, Azambuja (Arnaud, *et al.*, 2005), interpretadas como tatuagens faciais. É igualmente importante referir que no Monte da Quinta 2 se identificaram alguns fragmentos de “ídolos de cornos” decorados com traços incisos verticais (Valera, *et al.*, 2006, p. 294), que dificultam a interpretação tradicional

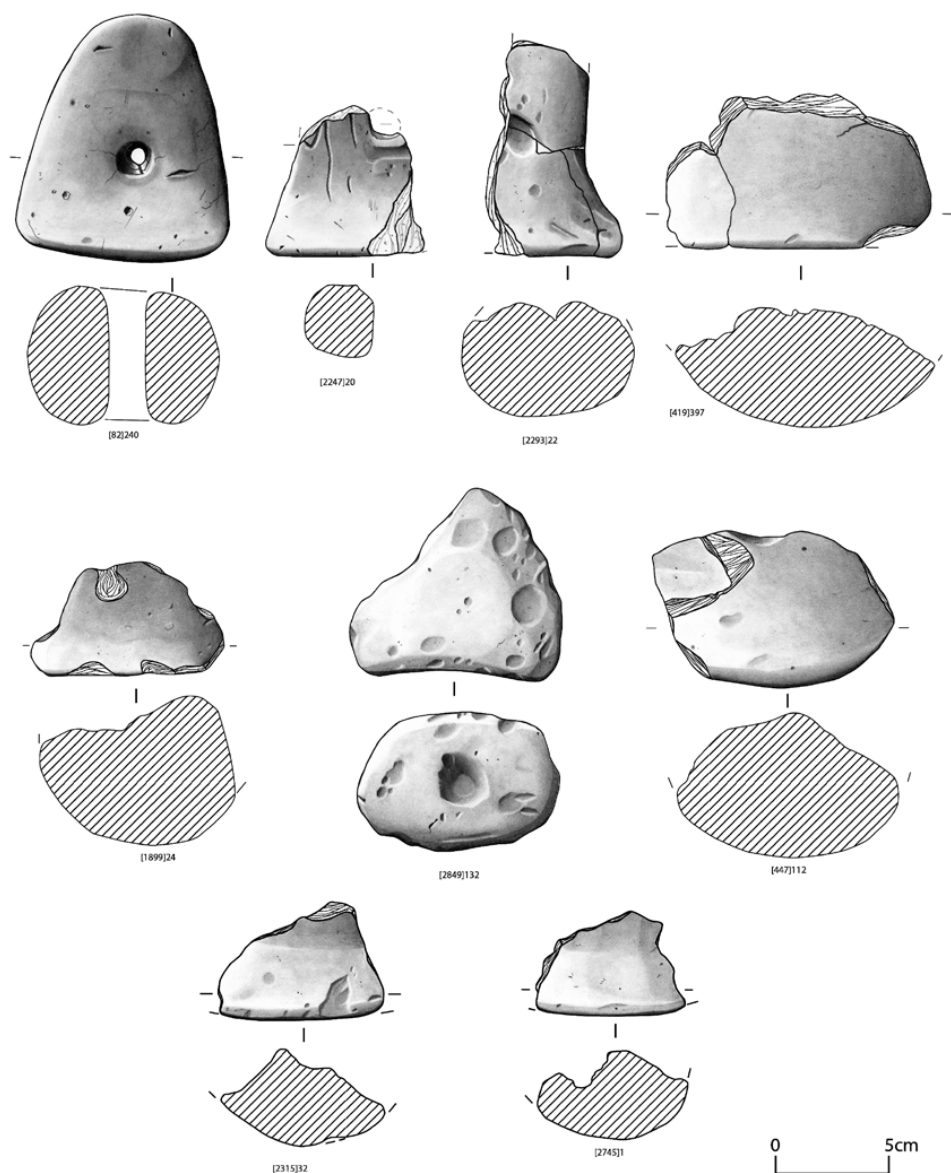


Figura 6: “Ídolos” de Cornos de São Pedro

destes motivos. A peça [2293] 22 não tem perfuração, mas apenas a sua sugestão, facto que também se regista no exemplar do povoado vizinho do Monte da Ribeira (Gonçalves, 1989, Calado, 2001, estampa 29).

A interpretação funcional e a designação destas peças têm suscitado o debate na comunidade arqueológica peninsular, entre os partidários da sua utilidade prática, associadas a estruturas de combustão (como suportes de lareira ou “morillos”), podendo nessa função ter conotações simbólicas (Cardoso, 2003, p.78) e aqueles que os interpretam como artefactos exclusivamente simbólicos, associados a representações da “deusa-mãe” (Gonçalves, 1989, Gonçalves, *et al.*, 2003, p.137-138), ou a representações antropomórficas (Martínez Sánchez, García Benavente, 2009, p.117; Rodrigues, 2013). A presença das mencionadas decorações, afins das designadas “tatuagens faciais”, é um forte argumento para a sua associação a representações de fundo antropomórfico, na justa medida em que estas estão bem representadas como tatuagens faciais nas figuras antropomórficas masculinas de marfim, e não só, registadas no povoado dos Perdigões (Valera e Evangelista, 2014), estando bem documentadas em todo o Sul peninsular.

É importante, desde logo, salientar que a designação “ídolos de cornos” tende a ser utilizada para descrever artefactos que apresentam alguns traços morfológicos e tecnológicos em comum, mas que têm uma miríade de formas e características diversificadas. Com efeito, há peças que têm uma morfologia cilíndrica ou troncocónica, sem nenhum tipo de decoração, nas quais é mais difícil descortinar qualquer representação simbólica, registando-se nalguns exemplares elementos que permitem a sua utilização como suportes de recipientes, como se verifica no conjunto do Monte da Quinta 2 (Valera, *et al.*, 2006, p. 294); no entanto, outras peças apresentam morfologias mais complexas, que nalguns casos podem remeter para representações zoomórficas ou antropomórficas, como o ídolo do Possanco, Comporta (Ribeiro e Sangmeister, 1967), a “Diosa del Chorrillo Bajo”, Lorca, a figura de Alcolea, Córdoba (Martínez Sánchez, García Benavente, 2009) e algumas das peças identificadas na Ponta da Azambuja 2, Évora (Rodrigues, 2013). É igualmente importante referir que em La Pijotilla se identificaram peças com morfologias semelhantes às analisadas, mas elaborados em mármore, o que poderá consistir em mais um argumento a favor do carácter simbólico das mesmas (Hurtado, 1984).

As características morfológicas das peças aqui em estudo dificilmente remetem para elementos “corniformes”, ou para representações abstractas de bovinos. Para além disso,

a presença de decorações incisas, similares às designadas “tatuagens faciais” em alguns exemplares é fraco argumento à sua interpretação como objecto exclusivamente simbólico, uma vez que estas mesmas decorações surgem noutros artefactos cerâmicos, não anulando a sua funcionalidade. De igual modo, a sua identificação preferencial em povoados, a sua expressão quantitativa e a presença de uma perfuração central (em muitos dos exemplares), podem ser argumentos válidos para a sua interpretação funcional, ainda que esta seja difícil de determinar com os dados disponíveis. Nos povoados de São Pedro estas peças não se associam a estruturas de combustão, nem apresentam marcas de fogo, o que a par das suas características morfológicas, nomeadamente os topos tendencialmente arredondados, e dimensões reduzidas, não se adequam, de forma linear à sua interpretação como suportes de lareira, o que não obsta a que possam ter tido uma qualquer função prática quotidiana, não isenta de simbolismo.

Estas peças registam uma presença significativa nas ocupações mais antigas (I / II), principalmente associadas ao primeiro terço do 3º milénio a.n.e., identificando-se apenas dois fragmentos e um ídolo inteiro em contextos associados às fases IV / V. O enquadramento cronológico destas peças está em sintonia com a proposta apresentada por Manuel Calado para os contextos da Serra d’Ossa (Calado, 2001, p.103), bem como com a cronologia proposta para os exemplares de Leceia (Cardoso, 2006, p. 23) e do Monte da Quinta 2 (Valera, *et al.*, 2006).

Em termos macro espaciais, os “ídolos de cornos” surgem maioritariamente nos sectores C e D, estando completamente ausentes na área mais central do sítio (sector A). Estes artefactos surgem relativamente dispersos na área ocupada do S. Pedro, o que também parece ocorrer em Castillejos (Cerrillo Cuenca, *et al.*, 2010, p. 441). No entanto, não deixa de ser interessante verificar que se localizam preferencialmente em áreas periféricas e fora do espaço habitacional central durante as fases mais antigas.

Agrupámos oito peças, todas fragmentadas, sob a designação de “corniformes” por apresentarem morfologias variadas de secções tendencialmente circulares, com os topos arredondados ou angulosos, por vezes com uma ligeira bipartição, como a peça [1487] 75, que lhe confere cariz vagamente fálico. Esta peça apresenta também vestígios de uma perfuração localizada na área mesial que reforça a sua interpretação como a parte superior de “ídolo de cornos”.

Na peça [2884] 132 regista-se a presença de linhas incisas fundas em todas as



Figura 7: Corniforme [2884] 132

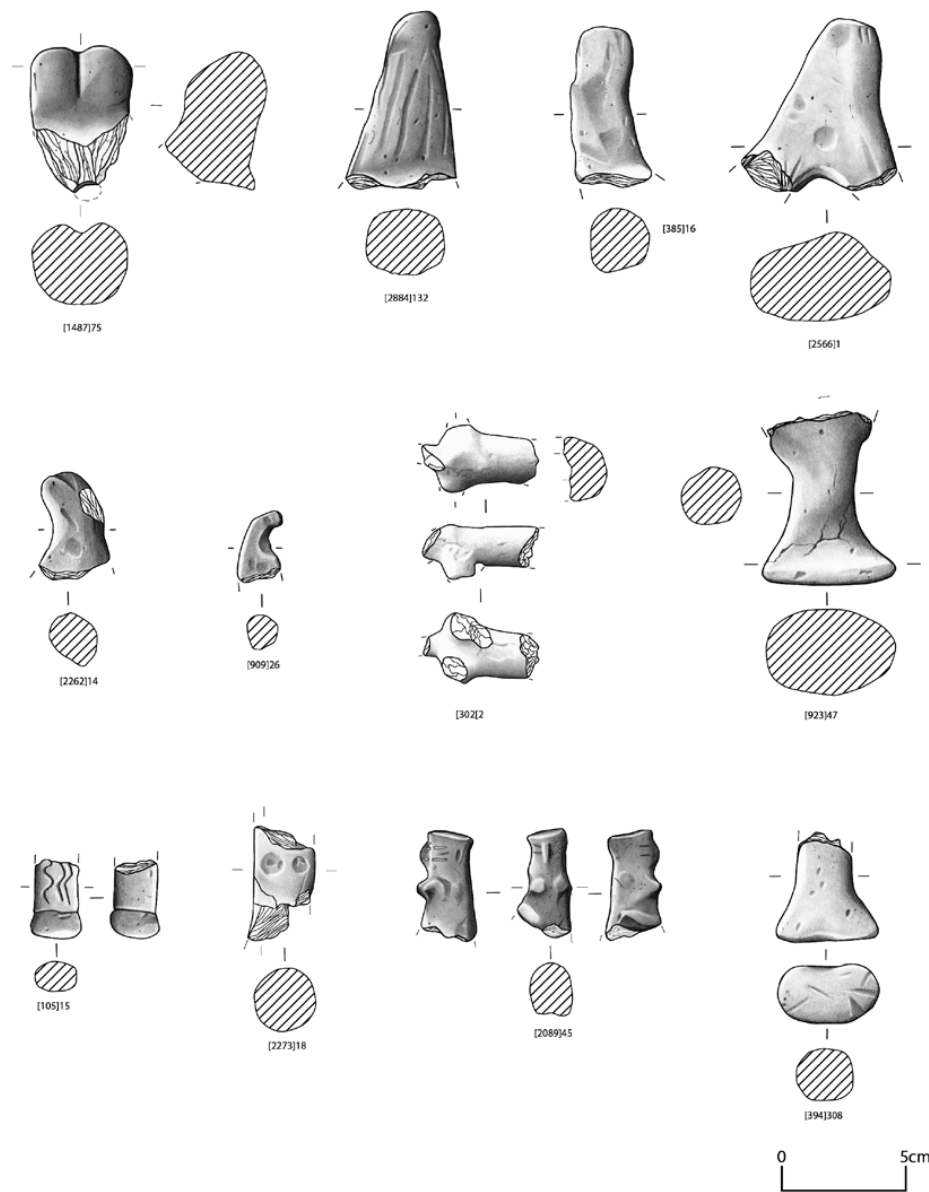


Figura 8: Corniiformes, figuras zoomórficas e antropomórficas de São Pedro

suas faces (figura 7), semelhantes à decoração de alguns “corniformes” da Ponta da Passadeira (Soares, 2013a). Todos os “corniformes” do sítio de São Pedro estão fragmentados, o que impossibilita a reconstituição total da morfologia da peça, dificultando a comparação com outros contextos e a sua interpretação funcional, ou simbólica como representação de figuras coroplásticas zoomórficas (eventualmente bovinos). Joaquina Soares interpreta o conjunto de “corniformes unicórnios” identificado em contextos próximos de lareiras no povoado da Ponta da Passadeira como suportes de recipientes utilizados na produção de sal (Soares, 2013a). O desenho destes materiais permite identificar características semelhantes a algumas peças do nosso conjunto, todavia, sem uma descrição mais pormenorizada e sem dados métricos é difícil comparar os materiais dos dois sítios.

Alguns dos fragmentos integrados nesta categoria apresentam morfologias muito irregulares como o exemplar [385] 16, todavia as características da pasta, cozedura e tratamento de superfície aproximam-se das registadas no conjunto dos “ídolos de cornos”.

Os “corniformes” identificaram-se maioritariamente em unidades estratigráficas localizadas nos sectores B e D, não estando associadas a estruturas de combustão. No que se refere ao faseamento, a maioria destes contextos integra-se na fase II, registando-se alguns contextos da fase III e IV.

Figuras zoomórficas

No conjunto de materiais em estudo, consideramos que as peças [302] 2; [909] 26 e [2262] 14, apesar do seu estado de fragmentação, se tratam de figuras zoomórficas de pequenas dimensões. A figura [302] 2 parece representar a cabeça e os membros dianteiros fragmentados de um animal quadrúpede; a peça [909] 26, igualmente fragmentada, apresenta um topo ligeiramente anguloso e um perfil esguio, assemelhando-se às representações de pássaros identificadas nos *tholoi* 1 e 2 dos Perdigões (Valera, *et al.*, 2014, p.25) e no povoado de Vila Nova de S. Pedro (Arnaud, *et al.*, 2005). A peça [2262] 14 caracteriza-se por ter um topo anguloso, perfil esguio, e alguns traços incisivos, que parece representar a cabeça de um animal, semelhante à identificada na Anta da Oliveira 1 (Leisner e Leisner, 1959) e a uma das peças recolhidas nos Perdigões (Valera, *et al.*, 2014, p. 27, Estampa 7, fig.3). A parte basal desta peça apresenta-se aplanada e regular, colocando a hipótese de ser ter “descolado” de uma forma ou composição mais complexa.

A figura [302] 2 surge no interior de uma estrutura negativa de pequenas dimensões, localizada no sector B, possivelmente enquadrada no povoado da fase IV. A figura [909] 26 é proveniente de um depósito localizado no sector D, associado às primeiras fases de ocupação do sítio (I / II).

O fragmento [923] 47 corresponde a uma base de morfologia oval e aplanada, ligeiramente alongada (5,2 cm



Figura 9: Figura zoomórfica [923] 47

de largura) e a uma área mesial mais estreita (2,5 cm de largura), que alarga junto à fractura (4,5 cm de largura). Esta peça apresenta uma pasta compacta, com componentes não plásticos muito frequentes, de pequena, média e grande dimensão e superfícies alisadas. O seu estado de conservação dificulta a sua interpretação. Se por um lado a morfologia parece aproximar-se de algumas representações antropomórficas estilizadas, por outro, as características regulares da fractura (que parece ter descolado de uma superfície) e a identificação de uma ligeira inflexão na área mesial da peça colocam a hipótese de se tratar da representação de um membro inferior de um animal quadrúpede, com algumas semelhanças com as figuras de suínos provenientes de Leceia (Cardoso, 2009, p. 75-76). Esta peça surge num dos enchimentos da estrutura negativa [1033], que se caracteriza por apresentar uma morfologia elíptica bastante irregular, localizando-se na área Norte do sítio (sector D), junto a outras estruturas semelhantes. Estas estruturas e os seus enchimentos enquadram-se nas primeiras fases de ocupação do sítio de São Pedro (Fase I / II).

A peça [2566] 1 apresenta o topo arredondado (3,5 cm de largura) e o corpo alongado, dividido em duas partes, a base encontra-se fragmentada. A morfologia desta peça é muito semelhante à peça Arq/VNSP/138 identificada no povoado de Vila Nova de São Pedro e interpretada como uma representação zoomórfica (Arnaud, *et al.*, 2005, p. 213) e a uma das peças recolhida nos Perdigões (Valera, *et al.*, 2014, p. 22, fig. 2). Esta peça foi recolhida num depósito estratigráfico localizado no sector B, enquadrado no povoado fortificado da fase II.

Figuras Antropomórficas

O fragmento [105] 15 corresponde a uma peça de morfologia cilíndrica, com base arredondada, ligeiramente saliente. Esta apresenta uma pasta compacta com frequentes componentes não plásticos de reduzidas dimensões e superfícies rugosas.

Na figura em análise existem várias linhas incisas ondulantes orientadas na vertical, numa das faces. Esta decoração aproxima-se da representação dos cabelos identificada em muitas das figuras antropomórficas provenientes do povoado dos Perdigões (Valera e Evangelista, 2014) e da Pijotilla (Hurtado, 1979-1980; 1981). A morfologia e decoração desta peça permitem, cremos, enquadrá-la nas representações esquemáticas de figuras humanas.

A unidade estratigráfica desta peça localiza-se no sector A, enquadrando-se na última fase de ocupação do sítio de S. Pedro (fase V).

A peça [394] 308 apresenta uma base ovalada com ligeira depressão, com 4,1 cm de largura e corpo estreito de morfologia cilíndrica, com 2,3 cm de largura e 2,0 cm de espessura máxima. No que se refere às características



Figura 10: Figura antropomórfica [2089] 45

tecnológicas, esta peça apresenta uma pasta compacta, com frequentes elementos não plásticos de pequena, média e grande dimensão e superfícies alisadas. Na parte inferior da base identifica-se um conjunto de traços incisos irregulares.

As características formais e métricas desta peça apresentam fortes semelhanças com as figuras identificadas em Porto Torrão (Rocha, *et al.*, 2011, p.) e Pijotilla (Hurtado, 1979-1980, p. 169-170) nas quais se encontram representados os seios femininos, e com as figuras “ginemorfas” de Cabezo Juré (Nocete, 2004, p.372), Valencina de la Concepción (Pajuelo e Aldana, 2013, p. 509-512) e Marroquíes Bajos (Sánchez, *et al.*, 2005, p.160, fig. V) em que se representam também os olhos e os cabelos ziguezagueantes.

A unidade estratigráfica [394] localiza-se no sector C, enquadrando-se no povoado fortificado da fase II.

A figura [2089] 45 encontra-se fracturada, apresentando uma morfologia irregular, em tronco de cone com o topo ligeiramente aplanado e secção circular, cerca de 2,0 cm de espessura máxima e claros traços antropomórficos femininos. Nesta peça encontra-se representada a face, com indicação do nariz, olhos e tatuagens faciais, reforçadas a pasta branca no lado esquerdo da peça, no qual se parece identificar ainda a orelha. Na sua área mesial, em posição central, encontram-se representados os seios. A pasta surge-nos compacta, com frequentes componentes não plásticos de pequena e média dimensão e superfícies rugosas. A cozedura ocorreu em ambiente redutor com arrefecimento oxidante.

A morfologia geral e as reduzidas dimensões desta peça tornam-na facilmente manipulável. Consideramos importante salientar que as características da fractura colocam a hipótese da sua associação a uma peça mais complexa.

Esta figura inscreve-se claramente na iconografia calcolítica do Sul Peninsular, com raízes na tradição mediterrânea neolítica, registando-se várias peças semelhantes noutros contextos de povoamento desta área, como no Monte da Tumba (Silva e Soares, 1987), Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1989, Gonçalves e Alfaro, 2010), Sala nº.1 (Gonçalves, 1987), Cerro dos Castelos de S. Brás (Parreira, 1983), ou Porto Torrão, em que a figura Pto/09.[1349].8027 apresenta um nariz com claras parecenças com a figurinha em análise (Rocha, *et al.* 2011).

Esta figura é proveniente de uma extensa unidade estratigráfica localizada no sector C, tendo sido recolhida com centenas de fragmentos de recipientes cerâmicos de diversas morfologias, o que nos remete para um contexto de rejeição e remobilização, sem evidências de intencionalidade na deposição dos materiais. A unidade estratigráfica [2089] enquadra-se num

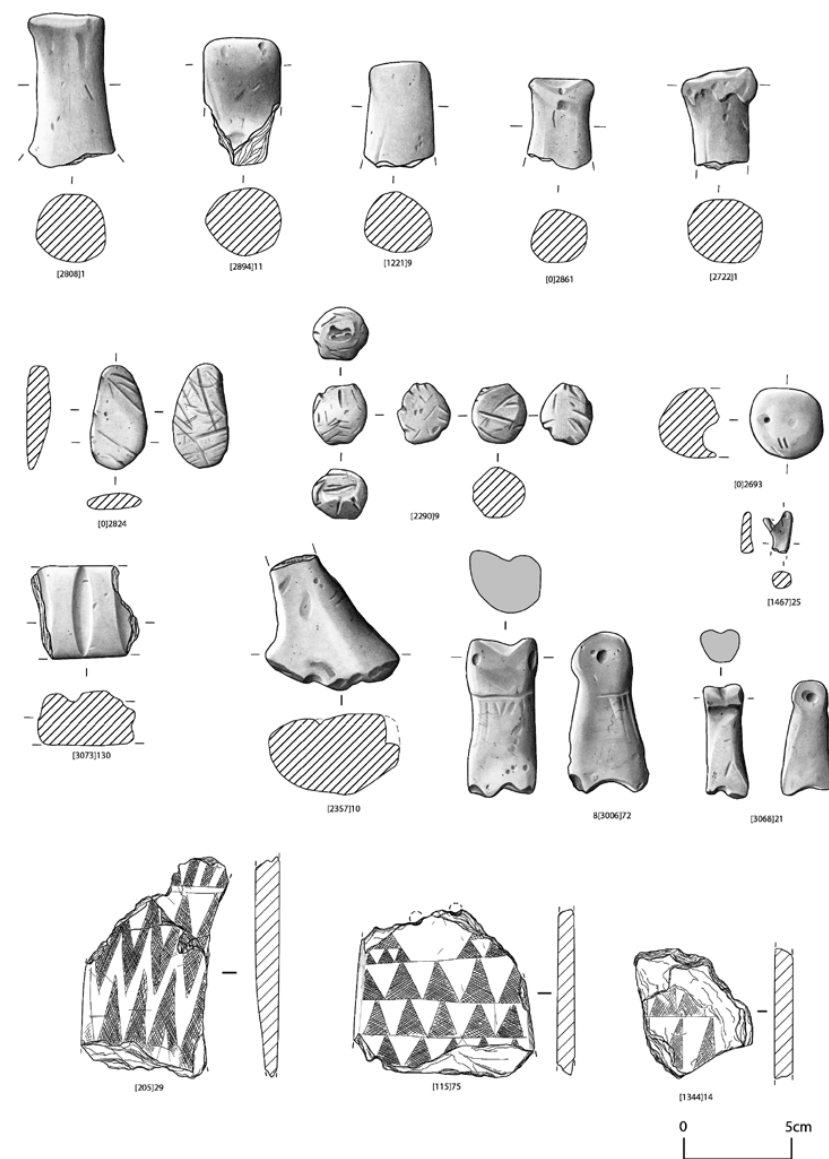


Figura 11: Betilos ou ídolos cilíndricos, outras peças, ídolos falanges trabalhadas e placas de xisto gravadas de São Pedro

dos momentos da fase II.

A peça [2273] 18 é um fragmento mesial de pequenas dimensões, muito mal conservado, que apresenta secção circular. Numa das faces da peça identificam-se vestígios de duas depressões centradas, que colocamos a hipótese de constituírem vestígios de representações de seios femininos pela semelhança com o fragmento identificado no povoado do Mercador (Valera, 2013, p.307 – 310). De facto, a peça que identificámos em São Pedro apresenta dimensões e fracturas semelhantes às registadas na peça do Mercador, sendo igualmente de notar a presença de uma fina linha incisa próximo de um dos mamilos.

Esta figura é proveniente de uma unidade estratigráfica localizada no sector D, enquadrada no povoado da fase II.

Betilos ou Ídolos Cilíndricos

Identificaram-se dez fragmentos em cerâmica, dos quais seis correspondem ao topo e quatro a áreas mesiais, com morfologias cilíndricas, secções circulares e espessura máxima que variam entre 2,5 e 3,7 cm. Nas figuras [2808] 1, [2722] 1 e [0] 2861 o topo é aplanado e ligeiramente saliente face ao corpo, o que já não acontece nos exemplares [1078] 1, [1221] 9 e [2894] 11 em que se regista uma continuidade entre as duas partes da peça. Nenhum destes elementos apresenta decorações. Gostaríamos, todavia, de realçar que a inserção de algumas peças nesta categoria não é clara, caso de [2808] 1 que, ao apresentar-se mais larga na base do que na área da fractura, poderá estar a indicar-nos que seria o topo de uma peça de base larga, a modo de “ídolo de cornos” ou então a um dito “quadrúpede” como o registado em Vila Nova de São Pedro, segundo proposta recente (Valera, *et al.* 2014, p. 22 fig.1)

No povoado de Leceia identificaram-se três fragmentos de ídolos cilíndricos com claras afinidades com o conjunto do S. Pedro (Cardoso, 2009, p. 75). As características morfológicas destas peças em cerâmica são muito idênticas às peças elaboradas em pedra (calcário ou mármore), designadas por ídolos cilíndricos ou bétilos. Algumas destas peças em pedra apresentam decorações claramente antropomórficas, como os seios femininos, pinturas faciais, cabelos ondulantes, olhos simples ou raiados, que acentuam o seu carácter simbólico. A interpretação das peças sem decoração, principalmente quando elaboradas em cerâmica, não é consensual, uma vez que se para alguns autores, como João L. Cardoso, a sua morfologia remete indubitavelmente para uma representação



Figura 12: Peça [0] 2824

abstracta do corpo humano, reforçada pela semelhança com as peças em pedra decoradas (Cardoso, 2009), para outros autores como Ana Pajuelo e Pedro Aldana, a sua forma, simplicidade e a sua identificação em contextos habitacionais coloca a possibilidade de se tratar de artefactos funcionais, eventualmente pilões (Pajuelo e Aldana, 2013, p.512). Esta interpretação funcional é sugestiva, mas frágil porque baseada unicamente na morfologia da peça, uma vez que os autores não referem evidências de desgaste nos fragmentos de Valencina de la Concepción. Gostaríamos, no entanto, de referir que esta funcionalidade poderia ser equacionada na interpretação de algumas peças em pedra, principalmente se associadas a pequenos recipientes em pedra, que por vezes se assemelham aos almofarizes. O significado simbólico destes elementos não é invalidado por esta funcionalidade, uma vez que poderiam ser utilizados em contextos rituais.

Os fragmentos de ídolos cilíndricos surgem dispersos por contextos localizados nos sectores B, C e D, a maioria dos quais relacionados com o povoado de S. Pedro da fase II, registando-se apenas dois casos que remetem para as fases III e IV.

Outras peças

No conjunto em estudo encontram-se seis peças que pelo seu estado de fragmentação e / ou morfologia tivemos dificuldade em integrar nas categorias definidas. Optámos, assim, pela sua descrição e interpretação individual.

A peça [0] 2824 apresenta uma forma semelhante à de uma folha, com vários traços incisos em ambas faces, podendo estar relacionada com outros elementos vegetais como as pinhas ou as alcachofras, presentes em vários contextos calcolíticos do Sul peninsular.

A peça [2290] 9 tem uma morfologia esférica, pequenas dimensões e traços incisos, sem organização aparente, em todas as superfícies. A sua morfologia aproxima-se da representação da cabeça, com cabelos ziguezaguantes de algumas figuras antropomórficas (Valera, *et al.*, 2014; Hurtado, 1979-1980, fig. 9 e 10, Enríquez, 2000). Todavia, a irregularidade na forma e decoração tornam difícil a sua interpretação como uma cabeça humana, sendo mais prudente considerá-la um elemento “simbólico esquemático”, eventualmente um amuleto, com grandes semelhanças a uma das peças identificadas em Valencina de la Concepción (Fernández Gomez, Oliva Alonso, 1986). Esta foi recuperada no sector C, relacionando-se com a ocupação da fase II.

A peça [0] 2693, identificada à superfície, encontra-se fragmentada, correspondendo a um topo arredondado, com ligeiras incisões numa das faces e a representação dos olhos (um dos quais apenas sugerido).

A peça [3073] 130 encontra-se muito fragmentada, sendo difícil de reconstituir a sua morfologia (4,2 cm de largura), apresentando três caneluras paralelas, não se identificando vestígio de decoração. O contexto de proveniência desta peça localiza-se no sector F, enquadrando-se na ocupação da fase IV. O estado de conservação torna muito complexa

a sua interpretação, quer como artefacto funcional, quer como elemento simbólico. As caneluras identificadas parecem assemelhar-se às caneluras registadas nalgumas peças em pedra provenientes de sítios como Perdigoa e Claros Montes (Calado, 2001, p.105), Sala nº1 (Gonçalves, 1987, fig.5-6), Serra da Preguiça, Sobral da Adiça (Soares e Real, 2005), Pijotilla (Hurtado, 1979-1980, p. 193 – 195), ou de contextos funerários como o *tholos* de San Bartolomé de la Torre (Garrido, Roiz, 1971), algumas das quais com decoração incisa. As caneluras das peças em pedra podem ter uma interpretação funcional, eventualmente relacionada com o polimento de contas de colar (Enriquez, 1990, *apud* Calado, 2001), ou como “endireitador de flechas” (Soares, 1994, p.173). Estas funções não são aplicáveis, cremos, aos exemplares em cerâmica. As peças decoradas têm sido interpretadas por diversos autores como elementos simbólicos – representações do órgão sexual feminino (Almagro, 1973, p.70; Hurtado, 1979-1980, p.194; Calado, 2001, p.106).

O fragmento [2225] 9, de pequenas dimensões e muito mal conservado, recolheu-se num contexto da fase II, localizado no sector D. Esta peça apresenta um conjunto de linhas incisas e vestígios de uma perfuração. As características da pasta, cozedura e a presença de perfuração aproximam-na do conjunto dos “ídolos de cornos”. Todavia, a pequena dimensão e irregularidade do fragmento exigiu prudência na sua classificação.

A peça [1467] 25 apresenta dimensões muito reduzidas, colocando-se a hipótese de se tratar de um elemento coroplástico. Este pequeno fragmento foi identificado no sector B, inserindo-se na fase IV.

Falanges trabalhadas

No sítio de São Pedro identificaram-se duas falanges afeioadas por polimento, sem decoração. A peça [3068] 21 corresponde à primeira falange de um veado (*Cervus elaphus*) e a peça [3006] 72 corresponde a uma falange de *Bos sp.* (auroque ou bovino).

Cremos que o facto de ambas as espécies estarem bem representadas em São Pedro, em particular a primeira (Davis e Mataloto, 2012), não terá sido alheio à escolha do suporte, principalmente em desfavor das mais usuais falanges de equinos, as quais, ainda que presentes, o são em menor número. Esta selecção de espécies pode estar associada a decisões culturais (possivelmente relacionadas com o significado simbólico do próprio animal e não apenas com a morfologia genericamente antropomórfica da falange), eventualmente com significado cronológico, como recentemente foi proposto para o grande conjunto de falanges decoradas do sítio dos Perdigoes, em que o número de falanges de cervídeo e equídeo é semelhante, distinguindo-se as cronologias dos contextos de proveniência (Valera, 2015).

O polimento das falanges de São Pedro pode ser interpretado como um tratamento decorativo, sendo o mais representado no tratamento dos ídolos falange do Sul peninsular (Valera, 2015, p. 13). Este polimento pode também resultar da utilização funcional destas falanges, eventualmente relacionada com o tratamento de peles. Ambos exemplares foram identificados no

sector F, enquadrando-se nas fases IV e V.

A peça [2357] 10, em cerâmica, parece, de alguma forma, reproduzir a morfologia das falanges, contudo, o elevado grau de fragmentação não nos permite ser taxativos.

Placas de xisto gravadas

No sítio de São Pedro identificaram-se três fragmentos de placas de xisto de pequenas dimensões, que apresentámos num trabalho mais extenso sobre a presença destes materiais em contextos de povoado no Alto Alentejo (Andrade, Costeira e Mataloto, 2015).

Os fragmentos [115] 75 e [205] 29 correspondem principalmente a áreas mesiais das placas, identificando-se de forma vestigial os separadores da “cabeça” – corpo e alguns dos motivos decorativos da “cabeça”. No primeiro exemplar, a decoração da “cabeça” é composta por trapézio central com duas perfurações e bandas de pequenos triângulos laterais, com o vértice para cima, integrando-se esta decoração na variante das placas com cabeça tripartida. O corpo da placa é decorado com bandas de triângulos com o vértice para cima (conservam-se 3 bandas). No segundo exemplar, a decoração da “cabeça” é composta por faixas oblíquas preenchidas, identificando-se uma faixa lisa como o elemento de separação da cabeça-corpo. A decoração do corpo da placa é composta por faixas ziguezagueantes.

O fragmento [1344] 14 corresponde exclusivamente a área mesial de uma placa, com as superfícies muito erodidas, identificando-se como motivo decorativo duas bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima.

Os três fragmentos de placas de xisto foram recolhidos em unidades estratigráficas localizadas no sector B. As placas [115] 75 e [1344] 14 encontram-se remobilizadas em contextos secundários, sem sinais evidentes de amortização simbólica. O contexto de proveniência da placa [205] 29 é o mais complexo, uma vez que se trata de um enchimento de topo da estrutura negativa [187], na qual se documentaram outros elementos, como uma haste de veado e fragmentos substanciais de vários recipientes, que poderão remeter igualmente para contextos simbólicos, colocando-se por isso a hipótese da sua amortização intencional. Em termos de faseamento, todos os contextos se enquadram nas fases de ocupação mais recente (IV e V) do sítio de São Pedro, o que poderá reforçar o seu carácter simbólico, enquanto objectos referentes aos antepassados. Todavia, não podemos ignorar a possibilidade destes fragmentos de placas de xisto estarem em contextos revolidos, podendo relacionar-se com as fases mais antigas do sítio.

Distribuição de Ídolos por Sector

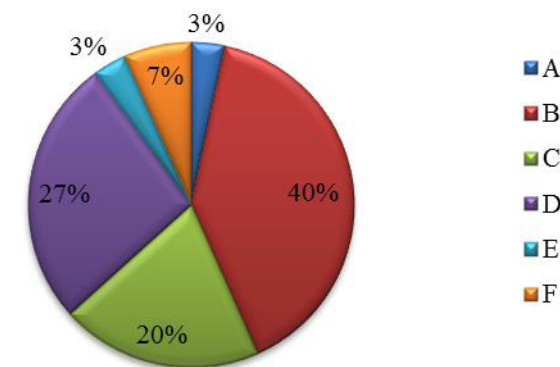


Figura 13: Distribuição dos ídolos por sector de escavação

Distribuição do tipo de ídolos por fase

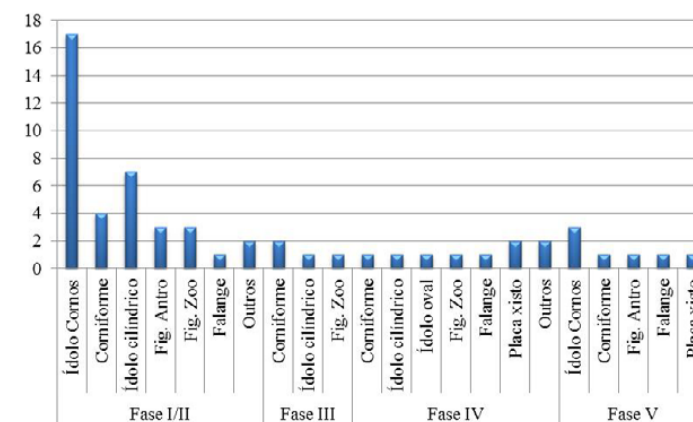


Figura 14: Distribuição dos tipos de ídolos pelas cinco fases de ocupação

Contextos e faseamentos dos ídolos

Os artefactos designados por “ídolos” apresentam-se muito fragmentados ou com dimensões reduzidas, surgindo tendencialmente isolados e dispersos por diversas unidades estratigráficas localizadas nos vários sectores de escavação.

A maioria dos contextos de proveniência destes materiais são secundários, sendo muito raros aqueles que interpretamos como deposições intencionais não se tendo registado a presença de espaços ou estruturas eminentemente simbólicas / rituais nos povoados de S. Pedro.

Com efeito, somente no caso da placa de xisto [205] 29 temos alguns argumentos para colocar a hipótese da sua deposição intencional, uma vez que foi identificada num enchimento de uma estrutura negativa, na qual se recolheram outros elementos passíveis de leituras simbólicas. As figuras zoomórficas [302] 2 e [923] 17 também se identificaram no interior de estruturas negativas, mas pelas características dos seus enchimentos dificilmente remetem para contextos de deposição intencional.

A observação do gráfico da figura permite analisar a distribuição e diversidade dos ídolos nas várias fases de ocupação do sítio de S. Pedro (as peças provenientes da unidade superficial [0] não são referidas no gráfico). Os ídolos de cornos / corniformes e os ídolos cilíndricos são muito expressivos no povoado fortificado da fase II (Calcolítico inicial), esbatendo-se este destaque nas fases seguintes. Os fragmentos de placas de xisto identificam-se nas fases mais recentes IV / V. As figuras zoomórficas e antropomórficas são quantitativamente pouco expressivas, surgindo nos diferentes povoados de S. Pedro.

Integração dos “ídolos” do sítio de São Pedro nos contextos simbólicos do Sudoeste Peninsular

O conjunto de ídolos analisado apresenta as características tipicamente identificadas em contextos de povoado do Sudoeste peninsular. Em termos quantitativos, os grupos mais expressivos são os dos ídolos de cornos / corniformes e dos ídolos cilíndricos em cerâmica (representam 64% do conjunto). Estas categorias de ídolos marcam presença em vários povoados meridionais como Leceia (Cardoso, 1992, 2002), Penha Verde (Cardoso, Veiga Ferreira, 1990), Vila Nova de São Pedro (Arnaud, 2005), Penedo do Lexim (Arnaud, 1974/77), Ponta da Passadeira (Soares, 2013a), Ponte da Azambuja 2 (Rodrigues, 2013), Perdigões (Lago, *et al*, 1998), Porto Torrão (Rodrigues, 2011), Castillejos (Cerrillo Cuenca, *et al*, 2010), Pijotilla (Hurtado, 1979-80; 1984), Valencina de la Concepción (Pajuelo e Aldana, 2013), S. Brás (Parreira, 1983) ou Santa Justa (Gonçalves, 1989), sendo praticamente inexistentes nos contextos funerários. As categorias das figuras zoomórficas, antropomórficas e dos indeterminados, que reúnem maior consenso na sua interpretação simbólica, representam apenas

29% do conjunto, sendo exclusivamente elaboradas em cerâmica. Estas categorias apresentam-se diversificadas em termos figurativos, uma vez que se identificam diferentes tipos de animais e vários tipos de representações humanas, ainda que todas fortemente esquemáticas, o que se integra perfeitamente na maioria dos contextos do Sudoeste. As matérias-primas, cerâmica e xisto, utilizadas para a elaboração dos ídolos de São Pedro estão disponíveis na envolvente, o que configura uma produção eminentemente local para esta categoria de artefactos. No que respeita aos “ídolos” elaborados em cerâmica é importante destacar que as características das pastas (textura, consistência, frequência e dimensão dos componentes não plásticos), das cozeduras e dos tratamentos de superfície se assemelham aos identificados nas várias categorias de artefactos cerâmicos deste sítio, o que evidencia semelhanças nos processos de produção (Costeira e Mataloto, 2013; Costeira, Mataloto, Roque, 2013). Estas características tecnológicas associadas à pequena dimensão, modelagem expedita e esquematismo dos “ídolos” torna difícil a sua interpretação como produções restritas e especializadas (Meskell, *et al.*, 2008). A elaboração destes elementos simbólicos parece estar assim integrada nas actividades do grupo, ainda que siga regras e códigos específicos, partilhados por várias comunidades do Sul peninsular.

A presença destes elementos, apesar de quantitativamente reduzida, nos vários povoados de São Pedro, maioritariamente em contextos secundários, demonstra que os “ídolos” fazem parte da vida quotidiana, circulando entre diferentes espaços e contextos, não tendo de estar exclusivamente em áreas segregadas ou depósitos intencionais. A identificação destes elementos simbólicos em povoados como os de São Pedro permite reforçar a ideia de que no Calcolítico as esferas mágico-religiosas e quotidianas não estariam separadas. As vivências rituais faziam parte das vivências quotidianas, podendo por isso não necessitar de espaços concretos e segregados. É possível que nunca consigamos definir espaços eminentemente rituais, “santuários”, mas sim sítios dinâmicos, com contextos diversificados em termos funcionais e simbólicos.

Na realidade, e sem entrarmos na discussão sobre a natureza das aglomerações de fossos, tomadas aqui como espaços diversificados, maioritariamente relacionados com funções habitacionais e/ou produtivas, seria importante reflectir sobre as presenças simbólicas (tipos de figurações, matérias-primas utilizadas e quantidades) em contextos de cariz não funerário dos sítios de fossos e compará-las com as ocupações fortificadas. cremos, apesar da perspectiva meramente impressionista, dada a escassez de dados provenientes dos povoados de fossos, que o forte desequilíbrio (grande quantidade de elementos simbólicos) assumido para as ocupações de fossos se esbateria bastante percentualmente, e proporcionalmente com o estudo dos contextos domésticos, o que aliás fica patente nos escassos dados disponíveis de sítios como os Perdigueiros (Lago, *et al.*, 1998; Valera e Evangelista, 2014; Valera *et al.*, 2014) ou Valencina de la Concepción (Pajuelo e Aldana, 2013).

O complexo mundo do simbólico durante o 3º milénio a.n.e. ainda nos reserva certamente inúmeras novidades e problemáticas, como o caso recente de El Seminario, no qual se documentaram evidentes contextos de deposição simbólica, um dos quais um importante conjunto de ídolos numa fossa, sem qualquer associação a contextos habitacionais ou funerários, registados apenas a alguma distância (Vera-Rodríguez, *et al.*, 2010).

Efectivamente, a questão dos “ídolos” como genericamente foram designadas estas peças, condensa em si uma multitude

de sentidos, que nos podem, e devem transportar para uma visão mais aprofundada da sociedade. O nosso trabalho tentou ser, neste caso, essencialmente descritivo, sem ser minimalista, mantendo designações e leituras usualmente utilizadas, contudo, estamos conscientes de que estas figurações reflectem por si, independentemente do grau simbólico-religioso que possam ter, cosmogonias e visões ontológicas das comunidades, em particular quando deixam entender, por um lado, uma crescente esquematização, afastando-se das estilizações mais naturalistas eventualmente associáveis ao mundo animal, enquanto por outro a própria figura humana parece emergir de modo mais explícito. Este entendimento poderá estar a reflectir uma nova relação das comunidades quer com o seu meio, cada vez mais humanizado e controlado, em particular num momento onde sabemos ter existido um crescimento populacional enorme, quer com os animais, de que resultaria igualmente uma maior consciencialização do poder do Homem como agente transformador, que se reflectirá na progressiva emergência da sua própria figuração enquanto elemento simbólico, suplantando as anteriores versões mais animísticas.

Todavia, estamos cientes do muito que ainda temos que “medir e contar” até que possamos ter um entendimento mais sólido destas realidades.

Agradecimentos

A Conceição Roque e Inês Conde pelos desenhos dos ídolos em cerâmica e osso.

A Marco Andrade pelo desenho das placas de xisto.

A Cleia Detry pela identificação das espécies de animais a que pertenciam as falanges trabalhadas.

Bibliografia

- ALMAGRO, Maria J. (1973): Los Idolos del Bronce I Hispano. *Bibl.Preh. Hisp.* vol. XII. Madrid.
- ANDRADE, Marco; COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (2015): Símbolos da morte em espaços de vida? Sobre a presença de placas de xisto gravadas em povoados do Alto Alentejo, no contexto do Sudoeste peninsular. In Collado Giraldo, H.; García Arranz, J. *XIX International Rock Art Conference IFRAO. ARKEOS* 37, p. 1607-1635.
- ARNAUD, José M. (1974-1977) – Escavações no Penedo do Lexim / 1975. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, série 3. 8-9, p.398-406.
- ARNAUD, José M., GOMES, Mário V., SOARES, António M.; FERREIRA, Sónia; ESTRELA, Carla (2005): Vila Nova de São Pedro: uma fortificação calcolítica do Litoral Estremenho. In *Construindo a memória. As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*, coordenado por Arnaud, José, M.; Fernandes, Carla, p. 141-219. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- BAILEY, Douglass (2005) – *Prehistoric figurines. Representation and corporeality in the Neolithic*. Routledge.
- BÉCARES PÉREZ, Julián (1990): Uniformidad conceptual en los ídolos del Calcolítico peninsular. *Zephyrus: Revista de prehistoria y arqueología*, 43, p. 87-94.
- BOAVENTURA, Rui (2006): Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9 (2):61-73.
- BOAVENTURA, Rui (2011): An idol from the dust: another evidence of neighboring contacts between the settlement of Pombal (Monforte, Alentejo) and the region of Badajoz. *Apointamentos de Arqueologia*, 7: 15-18.
- CALADO, Manuel (1995): *A região da Serra d'Ossa: Introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Lisboa.
- CALADO, Manuel (2001): *Da serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- CARDOSO, João L. (1992): Acerca de um suporte de lareira do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Al-madan* IIª série, 1: 23-26.
- CARDOSO, João L. (2002): Sobre os ídolos de calcário de Pêra (Silves) e o seu significado, no quadro do calcolítico do Sul Peninsular. *O Arqueólogo Português* IVª série, 20: 61-76.
- CARDOSO, João L. (2003): Ainda sobre os impropriamente chamados “Ídolos de Cornos” do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste. *Al-madan* IIª série, 12: 77-79.
- CARDOSO, João L. (2006): As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 14: 9-276.
- CARDOSO, João L. (2009): Estatuetas do Neolítico final e do Calcolítico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e o simbolismo a elas associado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17: 73-96.
- CARDOSO, João L. (2010): Cult artifacts from the Neolithic and Chalcolithic settlement of Leceia, Oeiras, Portugal. In: Gheorghiu, D.; Cyphers, A. (ed.): *Anthropomorphic and zoomorphic miniature figures in Eurasia, Africa and Meso-America. Morphology, materiality, technology, function and context*. BAR.
- CARDOSO, João L.; VEIGA FERREIRA, Octávio (1990): Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. 1: 95-126.
- CERRILLO CUENCA, Enrique (2006): Revisiting the “Horn Idols” from los Castillejos I (Fuente de Cantos, Badajoz): symbolical drawings and domestic artifacts during the 3rd millennium. Comunicação apresentada no XV Congresso UISPP, na Sessão C 43- *Symbolic figurations in the 4th and 3rd millenia in the South of the Iberian Peninsula: the engraved schist plaques and their figurative and schematic counterparts*. Organizada por Victor S. Gonçalves. Lisboa.
- CERRILLO CUENCA, Enrique; FERNÁNDEZ CORRALES, José; PRADA GALLARDO, Alicia; LÓPEZ SÁEZ, José (2010): Cambios y permanências en el entorno de Castillejos (Fuente de Cantos, Badajoz, España): de finales del Neolítico a comienzos de la Edad del Bronce. In GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina, ed. - *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: Câmara Municipal, pp. 433-451.
- COSTEIRA, Catarina (2010): *Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central), 3º milénio a.n.e.* Lisboa: [s.n.], 2010. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- COSTEIRA, Catarina (2012): Placas e crescentes – Análise de um conjunto de componentes de tear do sítio arqueológico de S. Pedro (Redondo, 3º milénio a.n.e.). *Arqueologia e História*, 62-63, Lisboa, pp.23-37.
- COSTEIRA, C.; MATALOTO, R. (2013): Os componentes de tear do povoado de S. Pedro

(Redondo, Alentejo Central) In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; BUSTAMANTE, Macarena; GARCÍA CABEZAS, Miriam, eds. - *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Villafranca de los Barros, pp.625-667.

COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui; ROQUE, Conceição (2013): Uma primeira abordagem à cerâmica decorada do 4º. / 3º. Milénio a.n.e. dos povoados de S. Pedro. (Redondo). In ARNAUD, José, M.; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. - *A Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 397-406

DAVIS, Simon; MATALOTO, Rui (2012): Animal remains from Chalcolithic São Pedro (Redondo, Alentejo): evidence for a crisis in the Mesolithic. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5: 15, Lisboa, pp. 47 – 85.

DINIZ, Mariana (2008): Far from Eden? Acerca de uma figurinha antropomórfica do povoado do Neolítico Antigo da Valada do Mato (Évora, Portugal). *Saguntum: Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*. 40. Valência, pp. 9-26.

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan (1990) - *El calcolítico o Edad del Cobre de la Cuenca Extremeña del Guadiana: los poblados*. Badajoz: Editora Regional de Extremadura.

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan (2000): Nuevos ídolos antropomorfos de la Cuenca media del Guadiana. *SPAL: Revista de prehistoria y arqueología de la Universidad de Sevilla* 9: 351-368.

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan; PALOMO LECHÓN, Sandra (2014) – Materiales inéditos del Calcolítico procedentes de la Pestaña (Badajoz). *SPAL*. 23

ESCORIZA MATEU, Trinidad (1990) – Ídolos de la Edad del Cobre del yacimiento de las Angosturas (Gor, Granada). *Zephyrus*. Salamanca. XLIII, p. 95-100.

ESCORIZA MATEU, Trinidad (1991-92) – La formación social de los Millares y las “producciones simbólicas”. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada*. 16-17. Granada, pp.135-165.

FERNÁNDEZ GOMEZ, OLIVA ALONSO (1986) - Valencina de la Concepción (Sevilla): Excavación de urgência. *Revista de Arqueología* 58: 19-33.

GARRIDO ROIZ, J. (1971) – Los poblados del Bronce I Hispano en la provincia de Huelva. *Trabajos de Prehistoria*, 28, p. 113-115.

GONÇALVES, Victor S. (1987) – O povoado pré-histórico da Sala n.º1 (Pedrógão, Vidigueira): Notas sobre a campanha 1 (88). *Portugalia*. Porto. Nova série, 8, p.7-16.

GONÇALVES, Victor S. (1989): *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: Uma*

aproximação integrada. Lisboa: UNIARQ; INIC., 2 vols.

GONÇALVES, Victor S. (2008) – *Na primeira metade do 3º milénio A.N.E., dois subsistemas mágico religiosos no Centro e Sul de Portugal*.

GONÇALVES, Victor S.; ALFARROBA, António (2010) – Ver ao longe no 3.º milénio a.n.e. sobre a localização do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). In GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C., eds., (2010). *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: Câmara Municipal, p.297-324.

HURTADO, Victor (1978)- Los ídolos calcolíticos en el Occidente Peninsular. *Habis*, 9, p. 357- 364.

HURTADO, Victor (1980)- Los ídolos calcolíticos de la Pijotilla (Badajoz). *Zephyrus* XXX – XXXI, p. 167-197.

HURTADO, Victor (1981)- Las figuras humanas del yacimiento de la Pijotilla (Badajoz). *Madridrer Mitteilungen* 22, p. 46-57.

HURTADO, Victor (2008) - Ídolos, estilos y territorios de los primeros campesinos en el sur peninsular. In Cacho Quesada, C.; Maicas Ramos, R.; Martos, J. A. y Martínez Navarrete, M. I. (editores): *Acercándonos al Pasado. Prehistoria en 4 Actos*. Ministerio de Cultura. Museos Estatales. Museo Arqueológico Nacional y CSIC

HURTADO, Victor (2010) – Representaciones simbólicas, sitios, contextos e identidades territoriales en el Suroeste Peninsular. In Maicas, R.; Cacho, C.; Galán, E.; Martos, J.A. (coord.): *Los Ojos que Nunca se Cierran: Ídolos en las Primeras Sociedades Campesinas*. Ministerio de Cultura. Museo Arqueológico Nacional, 137-198.

HURTADO, Victor; PERDIGONES, Lorenzo (1983)- Ídolos inéditos del calcolítico en el Sudoeste hispano. *Madridrer Mitteilungen* 24, p. 46-58

LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; VALERA, António; ALBERGARIA, João; ALMEIDA, Francisco; CARVALHO, António F. (1998) – O povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 45-152.

MARTIN, Louise, MESKELL, Lynn (2012) – Animal figurines from Neolithic Çatalhöyük: figural and faunal perspectives. *Cambridge Archaeological Journal*. 22:3, p. 401-419.

MARTÍNEZ SÁNCHEZ, Rafael; GARCÍA BENAVENTE, Ricardo (2009) – *Una terracota figurada del IV milénio AC en la vega media del Guadalquivir*. Sánchez, 66:1, p. 115-122.

MATALOTO, Rui (2010) – O 4.º/3.º milénio a.C. no povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo

Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana. In GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C., ed. - *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e.* Actas do Colóquio Internacional. Cascais: Câmara Municipal, pp. 263-296.

MATALOTO, Rui; ESTRELA, Susana; ALVES, Catarina (2007) – As fortificações calcolíticas de São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal). In CERRILLO, E.; VALADÉS, J., eds. - *Los primeros campesinos de La Raya: Aportaciones recientes al conocimiento del neolítico y calcolítico en Extremadura y Alentejo.* Actas de las Jornadas de Arqueología del Museu de Cáceres, 1. Cáceres. Consejería de Cultura y Turismo (Memórias, 6), pp. 113-141.

MATALOTO, Rui; ESTRELA, Susana; ALVES, Catarina (2009) - Die kupferzeitlichen Befestigungen von São Pedro (Redondo), Alentejo, Portugal. *Madriider Mitteilungen* Wiesbaden. 50, pp. 3-39.

MATALOTO, Rui; BOAVENTURA, Rui (2009) – Entre vivos e mortos nos 4º e 3º milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 31-77.

MATALOTO, Rui; GAUSS, Roland (no prelo) – Construtores e metalurgistas: faseamento e cronologia pelo radiocarbono da ocupação calcolítica do São Pedro (Redondo, Alentejo Central) In *Kupferzeitliche Metallurgie in Zambujal, in Extremadura, Südportugal und Südwestspanien: Vom Fertigprodukt zur Lagerstätte. Arbeitstagung Alqueva-Staudamm, 27. bis 30. Oktober 2005.* Série Iberia Archaeologica. DAI: Abteilung.

MATALOTO, Rui; COSTEIRA, Catarina; ROQUE, Conceição (2015) – Torres, cabanas e memória – A fase V e a cerâmica campaniforme do povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa.

MESKELL, Lynn; NAKAMURA, Carolyn; KING, Rachel; FARID, Shahina (2008) – Figured lifeworlds and depositional practices at Çatalhöyük. *Cambridge Archaeological Journal*. 18:2, p. 139-161.

NANOGLU, Stratos (2008) – Representation of humans and animals in Greece and the Balkans during the earlier Neolithic. *Cambridge Archaeological Journal*. 18:1, p.1-13.

NOCETE, Francisco (2004) – ODIEL. *Proyecto de investigación arqueológica para el análisis del origen de la desigualdade social en el Suroeste de la Península Ibérica.* Monografias de Arqueología, 19. Consejería de cultura de la Junta de Andalucía. Sevilla.

NUKUSHINA, Diana; MATALOTO, Rui; COSTEIRA, Catarina; IGREJA, Marina (no prelo): “Foliáceos ovóides” e “grandes pontas bifaciais” nos povoados de S. Pedro (Redondo)

OLSON, D. (1996) *The World on Paper: The Conceptual and Cognitive Implications of Writing*

and reading. CUP.

PAJUELO PANDO, Ana; ALDANA LÓPEZ PEDRO (2001) – Ideología y control político durante el III milenio a.n.e. en el Bajo Guadalquivir. *Revista Atlántica-Mediterránea de prehistoria y arqueologia social*. Cádiz, vol. IV, p. 229-255.

PAJUELO PANDO, Ana; ALDANA LÓPEZ PEDRO (2013) - Ideologia de un centro de poder. Nuevos productos ideológicos de Valencina (Sevilla). In *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, editado por J. Jiménez Ávila, Miriam Bustamante Álvarez & Macarena García Cabezas, pp. 501-519. Edição eletrónica.

PARREIRA, Rui (1983) – O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4:1, p.149-168.

RIBEIRO, SANGMEISTER, (1967) - “Der neolithische fundplatz von Possanco bei Comporta/ Portugal”. *Madriider Mittlelungen* 7: 31-45.

ROBB, John (1998) – The archaeology of symbols. *Annual Review of Anthropology*, 27, p. 329-346.

ROCHA, Miguel; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel; NETO, Nuno (2011) – Contextos e objectos simbólico-religiosos do Porto Torrão: os ídolos e as placas de xisto. In *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*, editado por João Cascalheira & Célia Gonçalves, pp. 399-406. Universidade do Algarve, Faro.

RODRIGUES, Filipa (2013) - Idolomania: figuras antropomórficas e “ídolos de cornos” do recinto de fossos do Neolítico final da Ponta da Azambuja 2 (Portel, Évora). n ARNAUD, J.; MARTINS, A.; NEVES, C., eds. – *A Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 435-446.

SÁNCHEZ, Alberto; BELLÓN, Juan; RUEDA, Carmen (2005) – Nuevos datos sobre la zona arqueológica de Marroquíes Bajos: el quinto foso. *Trabajos de Prehistoria*, 62:2, p. 151-164.

SILVA, Carlos T.; SOARES, Joaquina (1987) – O povoado fortificado do Monte da Tumba I – Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p.29-79.

SILVA, Carlos, T.; SOARES, Joaquina (2013) - Economia agro-marítima na Pré-história do estuário do Sado. Novos dados sobre o Neolítico da Comporta. *Pré-história das zonas húmidas. Paisagens de sal. Setúbal Arqueológica*, 14, p. 145-170.

SOARES, António, M. (1994) – Descoberta de um povoado do Neolítico junto à igreja de Velha de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa). Resultados preliminares. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 41-49.

SOARES, António, M.; REAL, Fernando (2005) – Um ídolo calcolítico em pedra encontrado na Serra da Preguiça (Sobral da Adiça, Moura). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8:2, p. 107-113.

SOARES, Joaquina (2013a) – Sal e conchas na Pré-história portuguesa. O povoado da Ponta da Passadeira (estuário do Tejo). *Pré-história das zonas húmidas. Paisagens de sal. Setúbal Arqueológica*, 14, p. 171-196.

SOARES, Joaquina (2013 b) - *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal: o povoado do Porto das Carretas*. Memórias d'Odiana, 2ª série. Estudos Arqueológicos do Alqueva, .

VALERA, António (2010) – Marfim no recinto calcolítico dos Perdigões (1): “Lunúlas”, fragmentação e ontologia dos artefactos. *Apointamentos de Arqueologia e Património*, 5, p. 31-42.

VALERA, António (2012) – Ídolos almerienses provenientes de contextos neolítico do complexo de recintos dos Perdigões. *Apointamentos de Arqueologia e Património*. 8, p. 19-28.

VALERA, António (2013) – *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana – 2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*. Memórias d'Odiana, 2ª série. Estudos Arqueológicos do Alqueva, 6.

VALERA, António (2015) – “Ídolos” falange, cervídeos, equídeos. Dados e problemas a partir dos Perdigões. *Apointamentos de Arqueologia e Património*. 10, p. 7-20.

VALERA, António; TERESO, João; REBUJE, João (2006)- O Monte da Quinta 2 (Benavente) e a produção de sal no Neolítico / Calcolítico do estuário do Tejo. Promontoria Monográfica. *Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, 4, p. 291-299.

VALERA, António; EVANGELISTA, Lucy (2014) - Anthropomorphic Figurines at Perdigões Enclosure: Naturalism, Body Proportion and Canonical Posture as Forms of Ideological Language. *European Journal of Archaeology*, 17:2, p. 286-300.

VALERA, António; EVANGELISTA, Lucy; CASTANHEIRA, Patrícia (2014) – Zoomorphic figurines and the problem of human – animal relationship in the Neolithic and Chalcolithic Southwest Iberia. *MENGA. Revista de Prehistoria de Andalucía*. 5, p. 15-41

VERA-RODRÍGUEZ, Juan C.; LINARES, José, A.; ARMENTEROS Mª, José; GONZÁLEZ, Diego (2010) Depósitos de ídolos en el poblado de La Orden–Seminario de Huelva: espacios rituales en contexto habitacional. In Cacho, C.; Maicas, R.; Galán, E.; Martos, J. (Coords.) *Los ojos que nunca se cierran. Ídolos en las primeras sociedades campesinas*. Madrid, p. 199-242.